



UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ - UNIVALI

GABRIELY FARIAS

HOLOCAUSTO BRASILEIRO:
A variação narrativa presente na obra de Daniela Arbex

Itajaí
2022

GABRIELY FARIAS

HOLOCAUSTO BRASILEIRO:

A variação narrativa presente na obra de Daniela Arbex

Trabalho de Iniciação Científica apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Iniciação Científica, na Universidade do Vale de Itajaí, Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade .

Orientador: Prof. MSc. Vinicius Batista de Oliveira

Itajaí
2022

GABRIELY FARIAS

HOLOCAUSTO BRASILEIRO:

A variação narrativa presente na obra de Daniela Arbex

Este Trabalho de Iniciação Científica foi considerado aprovado em banca pelo Curso de Jornalismo, da Universidade do Vale do Itajaí, Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade (EACH).

Área de Concentração: Comunicação Social

Itajaí, 9 de dezembro de 2022.

Prof. MSc. Vinicius Batista de Oliveira - UNIVALI – Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade - Orientador

Prof. Dr. Carlos Roberto Praxedes dos Santos - UNIVALI – Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade - Membro

Prof. MSc. João Francisco de Borba - UNIVALI – Escola de Artes, Comunicação e Hospitalidade - Membro

Itajaí
2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. REFERENCIAL TEÓRICO	4
2.1 Livro reportagem e jornalismo literário	4
2.1.1 As fronteiras entre jornalismo e literatura	7
2.1.2 Daniela Arbex e os livros-reportagens	9
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
4 ANÁLISE	12
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS	19

ESCOLA DE ARTES, COMUNICAÇÃO E HOSPITALIDADE
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HOLOCAUSTO BRASILEIRO: A VARIAÇÃO NARRATIVA PRESENTE NA OBRA
DE DANIELA ARBEX

Gabriely FARIAS¹

Vinicius Batista de OLIVEIRA²

Resumo

O presente trabalho busca analisar sob o viés jornalístico a forma como se dá a variação narrativa entre jornalismo e literatura presente na obra Holocausto Brasileiro, de Daniela Arbex. O livro-reportagem estudado relata, através de fontes, vítimas e documentos, as atrocidades cometidas no hospital Colônia de Barbacena, local em que mais de 60 mil pessoas morreram por falta de cuidados ou maus tratos. O objetivo geral desta análise é identificar a variação entre a narrativa jornalística e literária na obra "Holocausto Brasileiro", de Daniela Arbex. Visto isso, foi feito um estudo aprofundado da obra para que fossem respondidas as questões em análise. A partir do estudo embasado em autores tanto da área jornalística como da literatura, e com auxílio de materiais complementares que apoiassem as questões levantadas, identificou-se que a variação narrativa usada pela autora acontece de forma sutil e quase imperceptível. A narrativa usada por Daniela Arbex transita entre as características jornalísticas e literárias para, além de prender o leitor e localizá-lo no relato dos acontecimentos, denunciar, relatar e pôr em evidência as atrocidades cometidas.

Abstract

This work seeks to analyze under journalistic bias the shape of the narrative variation between journalism and literature present in the construction Brazilian Holocaust, of Daniela Arbex. The book-report studied related, through the fonts, victims and documents, the atrocities that happens in the Colônia de Barbacena hospital, local where more than 60 thousand people died through lack of care or mistreatment. The main goal of this analysis is to identify the variation between journalistic narrative and literature narrative in the book "Brazilian Holocaust", from Daniela Arbex. Through the embased studied from authors from journalistic and literature area, identified that the narrative variation used by the authors happens in a subtle and almost imperceptible transiting between journalistic and literary characteristics, in addition to arresting the reader and locating him in the report of events, denounce, report and highlight the atrocities committed.

Palavras-chave: jornalismo literário; modalização; narrativa; passado; presente.

¹ Acadêmico da disciplina de Trabalho de Iniciação Científica, do 6º período do curso de Jornalismo da Universidade do Vale do Itajaí - Univali. gabriely_frs@hotmail.com

² Prof. MsC. Orientador do trabalho. viniciusbatista@univali.br

1. INTRODUÇÃO

A função do jornalismo é, em grande parte, trazer informação de qualidade aos seus leitores. Por ter um aspecto imediatista, o jornalista não tem espaço no dia a dia para explorar as nuances presentes nas diferentes informações noticiadas ao longo de um único dia. Contudo, existem momentos em que esse profissional consegue expandir seus conhecimentos e aprofundar detalhes através da investigação jornalística. É através deste processo que, muitas vezes, inicia-se a produção de um livro-reportagem, em que o jornalista consegue trazer à tona inúmeros detalhes dentro de um único caso.

Um livro-reportagem é uma produção jornalística que busca trazer de forma aprofundada as investigações feitas pelo profissional. Lima (2009, p. 26) diz que entende o livro-reportagem “como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato - no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes - e também sua verticalização - no sentido de aprofundamento da questão em foco”. Por ter maior tempo de produção, esse tipo de reportagem é caracterizada pela ampla apuração necessária para sua confecção. Rocha (2013) esclarece que dentro do processo de produção do livro-reportagem há a apuração e análise de documentos, a ampla pesquisa do tema, entrevistas, observações e a checagem necessária para cada apuração feita. Sabendo do seu amplo processo de produção, o livro-reportagem pode adentrar também no jornalismo literário, uma área do jornalismo em que, como esclarece Lima (2009), a partir do momento que a notícia caminha para a reportagem, é preciso melhorar as técnicas que a produzem. Dessa forma, essas grandes produções jornalísticas se aproximam da escrita literária, assim “os dois combinam-se, adequam-se, agregando conteúdo sólido e narrativa poderosa” (LIMA, 2009, p. 351).

“A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2008, p. 14). Segundo PENA (2007, p. 6), “o jornalismo literário significa potencializar os recursos do jornalismo”. As grandes produções jornalísticas trazem ao leitor o sentimento de vivência do ocorrido por conta da verossimilhança comumente usada em produções como essa. Daniela Arbex,

jornalista e autora de livros-reportagens como “Todo o dia a mesma noite”, “Cova 312” e o objeto de estudo desse trabalho, “Holocausto Brasileiro”, explora o jornalismo investigativo em muitos dos seus trabalhos, trazendo de forma detalhada pontos únicos dentro dos casos que investiga.

Na obra “Holocausto Brasileiro” (2013) a autora Daniela Arbex revela algo que já era conhecido, mas com outras significâncias. Em Minas Gerais, no Hospital Psiquiátrico Colônia de Barbacena, mais de 60 mil pessoas morreram por descaso. O hospital era tido como um depósito de pessoas, onde iam parar todos aqueles que eram “indesejados” na sociedade. No Colônia, eram colocados alcoólatras, garotas grávidas, mulheres que perderam a virgindade antes do casamento, indigentes, mendigos, homossexuais, prostitutas, pessoas muito tristes e aqueles que realmente possuíam algum tipo de transtorno ou doença, como epilepsia e outros.

Dos presentes no hospício, ao menos 70% dos internados não possuíam diagnóstico de doença mental. Os pacientes morriam de frio, fome, choques e doenças. Bebiam água de esgoto, comiam ratos, dormiam sobre capim e eram espancados e violentados. Nos períodos de maior lotação, cerca de dezesseis pessoas morriam por dia. O livro relata, de forma espaçada, quase cinco décadas de descaso e morte em massa. Brum (2013) diz que, no livro, Daniela Arbex conseguiu devolver nome, história e identidade para pessoas que eram registradas como “Ignorados de tal”.

O livro-reportagem de Daniela Arbex Holocausto Brasileiro teve mais de 300 mil exemplares vendidos, além de ter sido eleito o Melhor Livro-Reportagem do Ano (2013) pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Esta obra também foi eleita o segundo melhor Livro-Reportagem pelo prêmio Jabuti. Foi através dessa obra que, mesmo após a produção de sete reportagens para o jornal acerca do assunto, Daniela conseguiu trazer de uma forma melhor investigada as barbaridades cometidas no Colônia de Barbacena.

Apesar das diversas repercussões sociais que o caso trata, o presente trabalho busca esclarecer um outro aspecto apresentado no livro. Ao analisar esta obra percebe-se que é de comum uso da autora passagens que além de transitarem entre o passado e presente também transitam entre as linguagens jornalísticas e literárias, criando uma atmosfera diferenciada para o seu leitor. Visto isso, o presente

artigo busca responder: **como se dá a variação narrativa entre jornalismo e literatura na obra Holocausto Brasileiro?**

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é **identificar a variação entre a narrativa jornalística e literária na obra “Holocausto Brasileiro” de Daniela Arbex**. Diante disso, temos como objetivos específicos: identificar a classificação de livro-reportagem em que a obra se insere; expor características do jornalismo e da literatura presentes no livro; analisar as características que expõem as alterações na narração em “Holocausto Brasileiro”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Livro-reportagem e Jornalismo Literário

Como citado acima, o livro-reportagem pode ser entendido como uma notícia ampliada que traz de forma aprofundada o fato em foco. É nesse tipo de material que os jornalistas podem explorar dentro do jornalismo a literatura (LIMA, 2009). Além de um meio de trazer profundidade para os fatos de uma notícia, o livro-reportagem é também um jeito de conquistar leitores. Rocha e Xavier (2013) comentam que, em meio a todas as inovações dos meios de comunicação e, conseqüentemente, do jornalismo, está o livro-reportagem, que vem crescendo muito no mundo editorial. Sobre os motivos para esse crescimento, está “(...) a queda do custo da impressão, a possibilidade de publicar em novas plataformas, o interesse do público” (ROCHA; XAVIER, 2013, p. 4), além, é claro, de poder trazer um texto diferenciado.

O livro-reportagem é um estilo de produção que vai além do factual, que ultrapassa o produto diário dos veículos de imprensa. Moura (2000) aponta que um dos principais objetivos desse tipo de livro é mostrar ao seu leitor que o que ele está lendo é produto de um acontecimento real. Uma reportagem dessa magnitude conta com elementos a mais do que os conhecidos no dia a dia do jornalismo investigativo. Moura (2000) traz a memória como um ponto chave, pois ela traz a realidade através do depoimento das pessoas envolvidas no caso investigado. Os acontecimentos que estão sob o foco dos jornalistas são analisados por diversos ângulos e perspectivas. Um exemplo dessa afirmação, como lembra Moura (2000), é

a obra “A sangue frio”, de Truman Capote. O autor esteve em contato com diversos personagens para essa criação durante cinco anos. Capote teve contato direto com policiais, pessoas próximas à família vítima, além de ter conversado com assassinos para trazer a verossimilhança dos fatos relatados em sua obra. Em suma, para a criação de um livro-reportagem “é necessário dispor de informações e subsídios concretos” (ROCHA; XAVIER, 2013, p.12), pois trata-se do relato de um acontecimento real.

Apesar do que se acredita, a junção do jornalismo com os livros existe há muito tempo. Émile Zola (1840- 1902) foi um escritor francês que teve um papel de repórter em uma de suas produções. Seu romance “Germinal” (1885) retratou a situação de uma mina francesa em que trabalhava e entrou em greve e “(...) com uma linguagem concisa, ele ilustra a vida política e social da época e a situação precária dos mineradores na França” (ROCHA; XAVIER, 2013, p.6).

Um dos pontos que compõem o livro-reportagem é a utilização de aspectos da literatura. Por muito tempo, o jornalismo utilizou de práticas literárias para chamar a atenção de seu leitor. Lima (2013) coloca que ambos, jornalismo e literatura, se confundiam até os primeiros anos do século XX, pois muitos escritores descobriram na imprensa um meio de aprimorar e promover seu talento na literatura, tal como Machado de Assis, que, como expôs Lima (2009), iniciou no meio profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal. Essa junção de jornalismo e literatura teve outro marco histórico, conhecido como *New Journalism*, um movimento, a partir dos anos de 1960, que junta essas duas práticas. Ritter (2013) revela que os jornalistas que trabalham com esse modelo buscam integrar aspectos literários em suas produções, mais até que as próprias características jornalísticas. Lima (2008) elucida que esse novo modelo de jornalismo, o jornalismo literário, não apaga os conceitos do jornalismo diário e nem deixa de lado suas técnicas, apenas as desenvolve “(...) de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes (...)” (LIMA, 2008, p.14).

É através do jornalismo literário que os repórteres podem fugir da estrutura comum do lead e incrementar sua escrita. Lima (2009, p.436) traz uma reflexão muito interessante sobre o jornalismo literário. Segundo ele, “o jornalismo literário é

uma viagem de descoberta pelo território do real, por todos os mundos que constituem aquilo que achamos que é a realidade”. Guzzo e Teixeira (2008) apontam que essa prática, como relatam, “abre portas” para uma narrativa que busca técnicas da literatura para trazer de uma forma mais criativa e rebuscada os acontecimentos cotidianos que, de alguma forma, atraíram a atenção do jornalista.

Pena (2008) coloca que uma das preocupações do jornalismo literário é a contextualização, ou seja, mastigar ao máximo as informações que são trazidas ao leitor. “A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível - o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal” (PENA, 2008, p.14). Pena (2008) esclarece ainda que é importante fazer a relação dos acontecimentos investigados com outros fatos, trazendo a comparação com diferentes abordagens, não esquecendo, é claro, de localizar o leitor no espaço temporal do acontecimento que está sendo relatado. Também sob a perspectiva de Pena (2008) levanta-se a característica da permanência. Dentro dos aspectos do jornalismo literário, está o sentido de que a produção literária seja algo que crie raízes e permaneça na lembrança coletiva por muito tempo, pois possui um diferencial que o coloca em uma posição separada das produções diárias de um veículo de imprensa, pois este cai em esquecimento após determinado momento. Pena (2008) comenta que uma obra de jornalismo literário não pode ser superficial, em uma produção dessa magnitude o jornalista precisa construir um bom enredo que possa englobar as diferentes relações e faces de um único caso, dessa forma, a produção será “articulada em teias de complexidade e indeterminação” (PENA, 2008, p.15).

Um aspecto importante a ser levantado sobre o jornalismo literário são as características que este engloba. Weise (2013) escreve que, muito mais que uma notícia, esse tipo de jornalismo deve trazer em sua companhia personagens, adjetivos, enredos, contextualização e muito mais, aspectos esses que possivelmente não teriam espaço nas notícias diárias. Pena (2008) levanta que esse *novo jornalismo* evita os caminhos da imprensa objetiva. Segundo ele, o repórter segue o caminho contrário, sendo mais subjetivo, trazendo aos textos uma estética fora dos padrões e com o uso de técnicas literárias. “É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações” (PENA, 2008 p.54). Nesse

mesmo sentido de poder abusar e utilizar aspectos comumente vistos na literatura, o autor traz a reconstrução de cenas e a verossimilhança. Apesar da facilidade de sair das estruturas aprendidas no jornalismo, o jornalista que busca fazer parte do *new journalism* se depara com necessidade de passar vários dias com o personagem de sua produção, além de precisar trazer diversos pontos de vista. Nesse momento o profissional precisa mostrar uma descrição precisa, tendo sempre em mente que a escrita jornalística é uma não-ficção. Pena (2008) revela que o detalhamento, seja de ambientes, expressões, costumes ou o que for, precisa fazer sentido e “só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos” (PENA, 2008, p.55).

Vale lembrar, por fim, que a fronteira entre o jornalismo e a literatura é tênue, fazendo com que, por esse motivo, o jornalismo literário seja, de certo modo, difícil. O fato se dá por conta de que, como lembra Pena (2008), para poder reconstruir os fatos de forma atrativa para o leitor, é preciso um espetáculo. Pena (2008) coloca que a verdade funciona como um mosaico, pois é através de inúmeras realidades e interpretações que se constrói o fato que o jornalista descreve. No jornalismo literário não há espaço para verdades absolutas, esclareceu Pena (2008), que em seu texto ressalta “a crescente dificuldade em definir fronteiras rígidas entre o *facto* e o *ficto*” (PENA, 2008, p.118), pois cada voz usada para a reconstrução do fato é responsável pela realidade do seu ponto de vista.

2.1.1 As fronteiras entre Jornalismo e Literatura

Para Rossi (1980), o jornalismo está além de qualquer definição acadêmica. O autor coloca a prática como uma sutil batalha que utiliza das letras para conquistar leitores. Relata ainda que o jornalista percorre um longo caminho para a produção da notícia que, mesmo que tenha uma produção rápida em questão de tempo, atravessa um longo e tortuoso processo, pois a imprensa não vive apenas da notícia momentânea, “mas também da discussão, do debate, e da análise de acontecimentos intemporais - ou seja, que estão acontecendo, e não simplesmente que aconteceram” (ROSSI, 1980, p.5). Segundo Lima (2009), o jornalismo é um meio da comunicação de massa para trazer informações, orientações e explicações para a sociedade, e o que diferencia o jornalismo de qualquer outra atividade seria o seu caráter informativo. Uma das grandes ocupações do jornalismo, e

consequentemente do jornalista, é o compromisso com a verdade. Rossi (1980) esclarece que a verdade no jornalismo deve ser entendida no seu sentido mais amplo, pois o jornalismo é muito mais que um ofício, trata-se de função social.

O autor considera que a literatura consegue juntar a realidade com o imaginário. Borges (2010) aponta que esse fenômeno é composto a partir do campo social e cultural de uma comunidade, trazendo uma percepção diferenciada da “realidade, sendo inscrição, instrumento e proposição de caminhos, de projetos, de valores, de regras, de atitudes, de formas de sentir...” (BORGES, 2010, p.98). A arte literária, como conta Borges (2010), possui suas próprias regras de produção. Ela pode criar um mundo através de sua narrativa, propondo algo novo, negando o real e ultrapassando fronteiras. A literatura “(...) inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real” (BORGES, 2010, p.99). Percebe-se, como comenta Sartre (1989), que a literatura é uma forma de o homem se mostrar essencial em relação ao mundo e dono de sua própria subjetividade através da liberdade de escrever.

Tendo em vista as características do jornalismo e da literatura, pode-se imaginar que a trajetória de ambos ao longo da história se cruzam e descruzam diversas vezes, trazendo para essa relação um aspecto cíclico. Para Lima (2009), esse relacionamento se confunde até os primeiros anos do século XX, quando muitos jornais possuíam espaços para uma escrita mais artística. É também a partir do século XX, mais especificamente na década de 1960, que o *novo jornalismo* começa a tomar mais espaço, trazendo de forma mais marcante as características literárias para o jornal diário. Lima (2009) descreve que a linha de escrita do *new journalism* combina o jornalismo diário com produções de interesse humano que possuíam pouco espaço para cobertura jornalística, eram nessas produções, como esclarece Lima (2009), que a literatura ganha espaço na escrita jornalística.

É difícil pensar como que duas formas de escrever tão diferentes se aproximaram tanto, pois, como conta Nicolato (2006), a literatura se importa, principalmente, com a verossimilhança do discurso, enquanto para o jornalismo a maior preocupação é o retrato dos fatos, baseado em evidências “sejam elas materiais, testemunhais ou científicas” (NICOLATO, 2006, p.6). Segundo Ritter

(2013), o que atualmente é chamado de *new Journalism*, que seria a prática de juntar essas duas formas de escrita, segue com o trabalho de trazer de forma atraente aos consumidores uma escrita baseada em fatos mas com uma narrativa diferenciada dos jornais diários. Segundo Pena (1951), ao longo da evolução de uma notícia para a reportagem, houve a necessidade de aperfeiçoar o meio em que a mensagem chega ao receptor. Atualmente, o jornalismo está em um momento que para responder algumas das perguntas dos leitores é necessário mais que o imediatismo. É a partir dessa necessidade que surgem as grandes reportagens ou um livro-reportagem, que possa trazer de forma mais esmiuçada os acontecimentos. Ritter (2013) explica que as novas gerações de jornalistas buscam aprofundar ao máximo a notícia para seu leitor, trazendo para ele experiências reais. Dessa forma, o leitor pode se sentir como um espectador dos acontecimentos. São nessas produções aprofundadas que o trabalho do jornalista se mostra mais árduo e longo, exigindo mais tempo de produção e investigação, conta Ritter (2013). É através desse trabalho que nascem os materiais jornalísticos mais extensos que juntam o jornalismo e a literatura. Nessa junção de literatura e jornalismo é comum haver a ausência de regras de escrita. Durante esses trabalhos, o jornalista pode mudar o ponto de vista e conseqüentemente a forma de narrativa que usa, como acontece dentro da obra em análise de Daniela Arbex. Sendo assim, a liberdade criativa é o ponto chave dessas novas produções do jornalismo, esclarece Ritter (2013).

2.1.2 Daniela Arbex e os livros-reportagens

Nascida em Juiz de Fora, um município no interior do estado de Minas Gerais, Daniela Arbex é uma jornalista e escritora conhecida por defender os direitos humanos nos seus livros-reportagens. Sua principal obra, que por acaso também foi a primeira, é *Holocausto Brasileiro*, best-seller eleito Melhor Livro-Reportagem do Ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (2013), além de ter sido eleito o segundo melhor livro-reportagem pelo Prêmio Jabuti (2014). Essa obra vendeu mais de 300 mil exemplares, inspirou um documentário com o mesmo nome na HBO e uma série na Globoplay, chamada *Colônia*.

A autora é a jornalista mais premiada de sua geração, acumulando mais de 20 prêmios nacionais e internacionais. Daniela foi repórter especial do *Jornal Tribuna*

de Minas por 23 anos e se formou em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Apesar de trabalhar longe dos grandes centros, a jornalista ficou reconhecida pelo seu trabalho de jornalismo investigativo. Além da obra em análise neste trabalho, que também é uma investigação jornalística, Daniela possui outras quatro obras de sucesso, são elas;

- **Todo Dia a Mesma Noite:** é uma forte narrativa que reconstrói os acontecimentos do incêndio da Boate Kiss. A autora conta, com o auxílio dos sobreviventes, testemunhas, parentes e qualquer um com ligação ao caso, o que aconteceu dentro da boate em que 242 pessoas morreram. O livro retrata aquela noite do incêndio indo desde momentos em que as pessoas dentro da boate tentavam buscar ar para respirar até quando os pais foram buscar os corpos dos seus filhos no ginásio da cidade.
- **Arrastados:** retrata os acontecimentos de Brumadinho. Localizado em Minas Gerais, Brumadinho foi o município onde houve o rompimento da barragem da mina Córrego do Feijão. Considerado o maior acidente de trabalho do Brasil, esse desastre resultou no luto coletivo de toda uma cidade e os acontecimentos desse dia estão registrados no livro que conta com mais de 200 personagens. O começo da obra se dá nas primeiras horas do desastre, quando as pessoas começam a sentir o chão tremer. A partir daí o livro conta com precisão de detalhes o dia 25 de janeiro de 2019.
- **Cova 312:** a história real de um militante político que foi morto torturado durante a ditadura militar. Apesar de ser descrito como um romance, o livro-reportagem reconstrói os acontecimentos da vida de um jovem que teve um suicídio forjado e seu corpo sumido. Para a narrativa dessa história, Daniela utiliza de pessoas que passaram pela Penitenciária Regional de Juiz de Fora, uma importante prisão política do regime militar de 1964, para poder trazer um dos segredos militares mais bem guardados da ditadura, que seria a morte desse jovem, chamado Milton Soares de Castro, que sofreu muito mais do que se sabe.
- **Os Dois Mundos de Isabel:** trata-se da primeira biografia premiada de Daniela. Ao longo desta obra, a autora conta a história de uma garotinha, chamada Isabel, que desde nova podia ver e ouvir coisas espíritos que se

comunicavam com ela. A menina faz parte da primeira geração de uma família de imigrantes libaneses. Com 9 anos essa garotinha já benzia pessoas da comunidade, aos 14 teve autorização para abrir uma escola e ensinar filhos dos colonos. Este livro retrata a história de uma mulher revolucionária desde nova, acompanhando a vida da quase centenária.

A autora e também jornalista busca em seus livros dar voz a pessoas e comunidades que por muito tempo estiveram oprimidas, caladas ou escondidas. Segundo entrevista que cedeu para a revista *Veja*³, Daniela comenta que os livros-reportagens e grandes produções jornalísticas com credibilidade são um meio de fazer a manutenção da sociedade, além de exercerem um papel social no país.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A obra *Holocausto Brasileiro*, composta de 255 páginas, foi estudada através de uma Análise de Conteúdo que, segundo Herscovitz (2007), se mostra um método muito eficaz para as análises jornalísticas, pois pode ser usado para identificar elementos do jornalismo. Esse tipo de análise é um meio para entender mais sobre quem produz e quem recebe a notícia, além de que forma essa notícia será recebida. É também através da análise de conteúdo que se faz possível analisar conteúdos com grande quantidade de “palavras, frases, parágrafos, imagens ou sons que podem ser reduzidos a categorias baseadas em regras explícitas” (HERSCOVITZ, 2007, p.125).

Contudo, apesar de ser um bom método de análise, Herscovitz (2007) salienta que nenhum método é livre de imperfeições, e para se tornar um método eficaz é necessário ser bem construído e conduzido. Para tal, Herscovitz (2007) aponta que os utilizadores desta técnica devem ser como investigadores que esmiúçam os significados, explícitos ou não da narrativa utilizada, apoiando-se na lógica e na observação. No entanto, apesar de se basear na lógica e observação, Herscovitz (2007) chama atenção para a necessidade de o “detetive” perseguir a objetividade justamente por ser difícil de apresentá-la.

³ Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/ideias/daniela-arbex-quer-ajudar-a-escrever-a-memoria-coletiva-do-nosso-pais/>. Acesso em: 14 nov 2022.

Para poder construir uma análise de conteúdo do objeto de estudo em questão, foi preciso uma leitura aprofundada da obra *Holocausto Brasileiro* de Daniela Arbex. A leitura da obra foi um importante processo para buscar aspectos do jornalismo e da literatura que a autora pode ter usado em sua escrita. O intuito principal era notar se a obra, mesmo sendo de cunho jornalístico, possuía aspectos da literatura, tais como o uso de adjetivos, da verossimilhança, da reconstrução de memórias e outros aspectos literários. Da mesma forma buscou-se revelar as características da apuração e investigação jornalística dentro do livro. Para conseguir analisar de forma precisa as partes em que o jornalismo e a literatura apareciam e se cruzavam ao longo da narrativa foi preciso a utilização de marcações que pudessem dar fácil acesso aos pontos em que tais trechos se encontravam.

Após a primeira leitura do livro e das marcações feitas, foi necessário partir para o estudo de termos que pudessem exemplificar e dar base para as informações que estavam sendo buscadas, como, por exemplo, o que caracteriza uma narrativa literária, quais as características de uma escrita jornalística e termos relacionados que tivessem ligação com a proposta de análise do presente trabalho.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Publicada em 2013, a obra *Holocausto Brasileiro* é um livro-reportagem que relata os maus tratos cometidos no Hospital Colônia de Barbacena por quase meio século, entre os anos de 1930 e 1980. O livro conta com uma narrativa que varia entre primeira pessoa (os momentos em que Daniela se coloca na obra como jornalista) e terceira pessoa (a reconstrução dos fatos através das fontes). É através dessas variações que a jornalista Daniela Arbex relata as barbaridades sofridas por quem viveu na Colônia de Barbacena. São mais de 200 páginas alinhadas com relatos, documentos e fotos de sobreviventes e documentos da época. Em 2011, antes da publicação do livro, Daniela foi atrás dos 190 sobreviventes do hospital para poder fazer a produção da obra. Foi mais de um ano para poder relatar parte de tudo que aconteceu naquele lugar, conforme relata a autora no próprio livro.

A partir da leitura da obra *Holocausto Brasileiro*, de Daniela Arbex, é possível fazer algumas anotações sobre a forma como foi feito e também no que essa

produção resultou. Elencado como livro-reportagem, essa produção narrativa baseada em fatos reais se encaixa em duas classificações diferentes dentro dos preceitos de Lima (2009). A primeira delas seria livro-reportagem-história, pois trata-se de uma obra literária jornalística que traz como tema acontecimentos de um passado recente (LIMA, 2009). Como característica, é comum ver nessas obras conexões que transitam entre o presente e passado, além de apontarem também episódios históricos de grande relevância social. Apesar de ser um acontecimento triste e que tenta ser apagado, o que aconteceu em Barbacena é parte da história, uma vez que “o fato é que a história do Colônia é a nossa história. Ela representa vergonha da omissão coletiva que faz mais e mais vítimas no Brasil” (ARBEX, 2013, p.255).

A segunda classificação é a de livro-reportagem-denúncia. Dentro dessa divisão, Lima (2009) põe em evidência características como clamor por injustiças, foco em abusos do governo ou casos de escândalo. O livro traz em suas páginas a denúncia de algo que era conhecido, mas que nada se fazia a respeito. Em abril de 1961, o fotógrafo Luiz Alfredo da revista O Cruzeiro foi ao local e registrou os absurdos que lá eram cometidos. “[...] acompanhado do colega José Franco, ele viajou para a cidade dos loucos [...]” (ARBEX, 2013, p.169). Foi a partir das imagens de Luiz Alfredo que Daniela se viu na obrigação de denunciar e contar para as novas gerações o que aconteceu no Hospital de Barbacena e como estava o local onde foi cometido um genocídio em massa. Arbex conta em seu livro que a iniciativa para escrevê-lo se deu após ter o contato com imagens feitas por Luiz. Ela relata que “bastou o contato com aquelas imagens para que a senha da indignação fosse acionada. Senti-me na obrigação de contar às novas gerações que o Brasil também registrou um extermínio” (ARBEX, 2013, p.191). Além desse trecho, a autora exhibe o sentimento de indignação e de busca por justiça em outros momentos da obra, o que aponta para um movimento de produção do livro como forma de denunciar determinada situação, corroborando para a classificação da obra dentro desta categoria citada.

Independente da classificação do livro-reportagem, algo que todas essas produções têm em comum é a necessidade da apuração e investigação jornalística. Dentro dos 14 capítulos que compõem a obra, a autora traz as diversas habilidades

que um jornalista precisa para a produção de um livro como este. É comum durante a leitura perceber variações de tempo, descrições com ricos detalhes do ambiente e se deparar com a investigação e a apuração feitas pela repórter. No capítulo 11, denominado Turismo com Foucault, a jornalista apresenta Michel Foucault que, em uma de suas vindas ao Brasil, conhece um dos primeiros médicos a denunciar o Colônia, Ronaldo Simões Coelho. De forma simplista, e que de primeira leitura parece não fazer sentido com o contexto do livro, a autora faz uma breve biografia de quem foi o filósofo francês e de que forma ele conheceu Simões, que, motivado por Foucault, resolveu chamar a atenção do Brasil e do Mundo para o que acontecia no estado de Minas Gerais.

Em um outro momento, dentro das páginas de Holocausto Brasileiro, fica indiciado o trabalho de pesquisa feito para poder produzir um material completo. Como já mencionado acima, Rocha (2013) esclarece que para o processo de produção do livro-reportagem há inúmeras etapas importantes, entre elas a análise de documentos e uma ampla pesquisa. No capítulo quatro, nomeado de “*A Venda de Cadáveres*”, a apuração e a pesquisa produzidas pela jornalista se mostram mais evidentes. Com o resgate de documentos e entrevistas, Daniela consegue trazer números exatos do tráfico de corpos feitos entre o Colônia de Barbacena e faculdades da região. Daniela denuncia nas páginas do seu livro que mais de 1800 corpos foram vendidos para 17 faculdades do país entre 1969 e 1980. “Só a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) adquiriu 543 corpos em uma década” (ARBEX, 2013, p.76).

Dentro os inúmeros documentos e fontes de pesquisa utilizados pela autora ao longo da obra, são apresentados conteúdos advindos de certidões de nascimento, carteiras de trabalho, documentos de internação e quaisquer outros materiais que poderiam ser usados como fonte de pesquisa. Em alguns raros momentos do livro, a autora recorre a uma narrativa em que evidencia práticas jornalísticas de investigação e apresenta esse processo de maneira mais tímida ao leitor, estabelecendo um vínculo com a prática profissional. Esse processo fica evidenciado em alguns trechos em que Daniela deixa escapar seu papel como jornalista. Já no começo do livro, a autora revela observações suas acerca das fontes com as quais conversou. Na página 50, por exemplo, ela comenta a forma

como sua fonte falava, deixando brecha para notar sua percepção como ouvinte. “Sônia demonstra lucidez ao falar do sofrimento do passado” (ARBEX, 2013, p.50). Esse trecho que aparece ao fim da página retrata a forma como a autora observou sua fonte, Sônia, enquanto esta contava dos horrores que presenciou no Colônia. Um outro momento em que a autora mostra seu papel jornalístico, dessa vez de forma mais clara ao leitor, aparece na página 79, em que Daniela relata de um e-mail que recebeu em sua caixa postal na redação da Tribuna de Minas. O e-mail intitulado “Os subterrâneos de uma universidade” veio de Ivanzir Vieira, antigo professor da Universidade Federal de Juiz de Fora. Arbex conta que ao ler o corpo de texto achou se tratar de uma ficção e que, só mais tarde, percebeu ser o relato de alguém que presenciou a venda de corpos. “Como sempre guardo os e-mails que recebo, decidi reler o de Ivanzir, quando a ideia de escrever esse livro me surgiu. Assim, em maio de 2012, voltei ao texto” (ARBEX, 2013, p.79).

Apresentado anteriormente neste trabalho, é visto que Pena (2008) comenta como é importante, durante a produção do livro-reportagem, que o jornalista utilize a descrição dentro de sua obra, bem como a reconstrução de cenas a partir da verossimilhança. Em alguns trechos da obra de Arbex, essas características apontadas por Pena (2008) estão mais evidentes. Um exemplo é na página 72, quando a autora narra o testemunho de Ivanzir Vieira, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que evidenciou o tráfico de cadáveres. No livro, Daniela relata em riqueza de detalhes o que o professor viveu naquele dia.

Seu ‘nariz de farmacêutico’ descartou o gás sulfídrico utilizado algumas vezes por alunos em brincadeiras de mau gosto. Resolveu enfrentar o mal-estar, avançando escola adentro. Ao final do corredor, Ivanzir surpreendeu-se com o que viu. (ARBEX, 2013, p.72)

A memória e a verossimilhança são dois pontos importantes para a reconstrução de cenas, como comentou Moura (2000). Em Holocausto Brasileiro, esses aspectos se mostram muito presentes na restauração dos acontecimentos vivido pelos sobreviventes e testemunhas. Em um dos trechos presentes no livro, Daniela relata a experiência de Débora Aparecida Soares, uma das crianças nascidas no hospital, mas que foi para adoção. No livro a autora retrata um dos momentos em que a garota tentou se matar em virtude de não se sentir parte do ambiente em que vivia. Para relatar esses momentos, é preciso a utilização de

recursos literários que irão trazer mais verossimilhança aos fatos que são relatados. “Naquele 23 de dezembro de 2005, sentia-se profundamente só. Não conseguia se encaixar na vida, pelo menos naquela que tinha levado até agora” (ARBEX, 2013, p.117).

Trechos como esse mostram a necessidade de recursos como memória e verossimilhança para reconstruir um momento íntimo vivido pela fonte. A verossimilhança trata de preencher lacunas na construção da reportagem que se aproximem da verdade. Zorzetto (2016) aponta que uma das principais características do jornalismo literário é a fidelidade presente na retratação dos fatos. Segundo Zorzetto (2016), é a verossimilhança que complementa a fidelidade e a riqueza de detalhes presente na produção dos livros-reportagens. Porém, como apontam Borges (2010) e Nicolato (2006), a verossimilhança é também um recurso do campo literário, que cria cenários e personagens a partir de uma aparência de realidade. As impressões emocionais de uma personagem real no livro de Arbex apontam para o uso desse recurso literário.

Ressalta-se, novamente, que durante a produção do livro-reportagem a autora utiliza de aspectos da escrita jornalística, além de aspectos da literatura. A pesquisa é um desses aspectos utilizados pela autora. Lage (2005) esclarece que em meio a diversas fontes, a pesquisa é um tipo de prova real necessária para trazer à tona a veracidade dos fatos em evidência, Lage (2005) completa que a pesquisa é a base de um jornalismo de qualidade. Dentro da obra do Holocausto Brasileiro, fica evidente a necessidade de pesquisas que completem as informações trazidas por Daniela. Em determinado trecho do livro, a autora traz a história de construção de um cemitério onde foram enterrados alguns dos 60 mil mortos do hospital. Nesse trecho, ela conta o ano em que foi construído o cemitério, a quem pertencia, quando foi desativado e o porquê da desativação. Para a construção dessa parte do livro, é apontada a utilização de pesquisas que trouxessem tais fatos.

Construído junto com o Hospital Colônia, no início do século XX, o Cemitério da Paz, cuja área pertence à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, está desativado desde o final da década de 80. A explicação do psiquiatra Jairo Toledo, que respondeu pela direção do Centro Hospital Psiquiátrico de Barbacena até março de 2013, é que o terreno está saturado. (ARBEX, 2013, p.65)

Outro momento em que a prática jornalística se mostra presente no livro é na utilização de fontes. De acordo com Lage (2005), é difícil encontrar materiais jornalísticos que sejam fruto de uma observação direta. Grande parte das matérias ou reportagens contam com informações vindas de instituições, testemunhas ou participantes do fato. Lage (2005) relata que é tarefa do profissional de jornalismo elencar e selecionar fontes ideais para a produção da notícia. A obra escrita por Daniela trata das barbaridades cometidas no Colônia e atualmente restam menos de 200 sobreviventes. Muitos deles são utilizados como fontes para escrever o livro. Arbex (2013) conta que a história do hospital é contada pelo olhar das vítimas e algozes que presenciaram os acontecimentos do local.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como citado anteriormente, a literatura e o jornalismo se aproximam e se afastam diversas vezes ao longo da história, como Lima (2009) esclarece ao pontuar que a relação dos dois se cruza e se confunde há muito tempo. Lendo a obra *Holocausto Brasileiro*, percebe-se que a relação de ambas as formas de escrita, apesar de distintas, quando unidas formam uma obra tanto literária como jornalística. Chama a atenção que, mesmo munida de diversas ferramentas do jornalismo, Daniela Arbex busca, dentro de características da literatura como a verossimilhança, aproximar o leitor da realidade que tenta relatar. A intenção da autora, ao que parece, é fazer com que o livro-reportagem seja um meio de trazer empatia às vítimas das atrocidades cometidas no Hospital Colônia de Barbacena, além de denunciar um caso de genocídio em massa.

Para relatar as barbaridades que aconteceram no Colônia, Daniela utiliza de uma variação narrativa que transita entre aspectos jornalísticos e literários. Essa variação se dá de forma sutil, deixando poucos aspectos que evidenciem onde é jornalismo e onde é literatura. É difícil fazer tal separação pois a técnica para a escrita do livro-reportagem abre espaço para esse trançado entre as duas formas de escrita. Daniela o faz de tal modo que os pontos que são memórias da fonte e as partes que são uma reconstrução a partir da verossimilhança mostram-se quase invisíveis para uma primeira leitura.

Ao longo das páginas do livro foi possível encontrar aspectos que pertenciam

à literatura, como a verossimilhança já citada acima, a reconstrução de memórias e o uso de adjetivos e descrição que dessem vida aos personagens, lugares e momentos. Dentro do texto, observou-se características do jornalismo que estavam entranhados nos relatos contados por Arbex. Essas características se tornaram evidentes, após diversas leituras, em trechos com informações compostas de datas e documentos históricos, no relato das entrevistas e nas buscas feitas pela autora em documentos aos quais teve acesso. Entende-se que, na construção dessa obra, houve outros aspectos do jornalismo que não ganharam tanta evidência e estavam, de certa forma, escondidos nas leituras, tais como a apuração e a investigação jornalística, que ganham destaque evidente apenas quando a autora comenta um e-mail que recebeu e decidiu investigar.

É compreensível que, por se tratar de um livro-reportagem, as características da literatura mostram-se, não apenas úteis na construção do livro, como também importante para a formação de sentido e empatia do leitor. Como comentado acima, uma das características das obras de Daniela é seu desejo de dar voz às minorias. Holocausto Brasileiro é, além de uma denúncia, a voz de muitas das vítimas sobreviventes deste massacre. A autora relata, nas últimas partes do livro, como a obra é importante para manter a história viva e para deixar claro às pessoas o que aconteceu dentro das paredes do hospital.

É possível concluir que a variação narrativa entre jornalismo e literatura acontece sim dentro do livro-reportagem, porém de forma indistinta. A autora, que vez ou outra se evidencia como jornalista dentro da obra, utilizou de uma narração em terceira pessoa que coloca o leitor como espectador dos fatos, além de trazer uma experiência mais vívida daquilo que está sendo lido. Logo, a percepção de variação entre jornalismo e literatura torna-se quase imperceptível. Nota-se que, por se tratar de obra jornalística, a descrição dos lugares, pessoas e momentos é algo bem presente em todo o livro, contudo, confunde-se muito com a literatura por conter traços de verossimilhança e reconstrução que são advindos do imaginário da autora, mas que são necessários para compor os fatos. O que expôs os momentos de variação entre jornalismo e literatura foram os trechos em que a autora se revela como jornalista e participante da obra, trechos em que a verossimilhança podia ser notada e as partes que transitavam entre presente e passado para poder contar o

que aconteceu com as vítimas e como elas estavam no momento em que o livro foi escrito.

Reforça-se então que a variação entre os aspectos jornalísticos e literários acontece de forma extremamente sutil e que só ficou perceptível após a análise aprofundada do conteúdo com o apoio de materiais complementares que dessem suporte às perguntas levantadas nesse trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**, São Paulo, v. 15, n. 17, p. 13-28, jun. 2008.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Catalão, v. 3, n. 16, p. 94-109, jun. 2010.

CRUZ, Antônio Pascal da. **Relação entre Jornalismo e Literatura**: análise dos elementos da narrativa. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais, Paraná, 2019.

CRUZ, Carla Andréia de Melo. **A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ATRAVÉS DO DOCUMENTÁRIO**: uma análise do "holocausto brasileiro". 2021. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Ouro Preto, Barbacena, 2021.

FARIA, Nídia Sofia. Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características. **Comunicação Pública**, [S.L.], n. 01, p. 29-44, 30 nov. 2011. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/cp.210>.

FERREIRA, Carlos Rogé. **Jornalismo e Literatura, Práticas Políticas**: discursos e contra discursos, novo jornalismo, o romance reportagem e os livro-reportagem. São Paulo: Edusp, 2004. 94 p.

FORTES, Leandro. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005. 112 p.

GUZZO, Morgani. **Livro Reportagem**: a fuga do superficial como categoria do jornalismo literário. 2008. 9 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2008.

HERSCOVITZ, Heloiza Golpsan. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**: análise de conteúdo em jornalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. 286 p.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Ed Usp, 2001. 391 p.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 188 p.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: um gênero em expansão. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 32, n. 18, p. 199-215, Não é um mês valido! 2009.

MORAES JÚNIOR, Enio; MALULY, Luciano Victor Barros; OLIVEIRA, Dennis de. **Antes da Pauta**: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século xxi. São Paulo: Eca - Usp, 2013. 157 p.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Contracampo**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFF, Rio de Janeiro, v. 17, n. 16, p. 43-58, 1 dez. 2007.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 175 p.

RITTER, Eduardo. New Journalism: o livre amor entre o jornalismo e a literatura. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 15, p. 56-70, jul. 2013.

RITTER, Eduardo. Jornalismo e literatura : a tribo jornalística de Erico Verissimo. 2011. 244 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011

ROCHA, Paula Melani; XAVIER, Cintia. O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico. **Rumores**: Revista online de comunicação, linguagem e mídia, São Paulo, v. 7, n. 20, p. 138-157, dez. 2013.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 30 p.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. 116 p.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus Editorial, 2005. 194 p.